Por que eu escrevo

- George Orwell

Desde muito cedo, talvez aos cinco ou seis anos, eu sabia que quando crescesse seria escritor. Entre os dezessete e os vinte e quatro anos, tentei abandonar essa ideia, mas o fiz consciente de que estava contrariando minha verdadeira natureza e que, mais cedo ou mais tarde, teria que me estabelecer e escrever livros.

Eu era o filho do meio de três irmãos, mas havia um intervalo de cinco anos entre eles, e mal vi meu pai antes dos oito anos. Por esse e outros motivos, eu era um tanto solitário e logo desenvolvi maneirismos desagradáveis que me tornaram impopular durante toda a minha vida escolar. Eu tinha o hábito típico de criança solitária de inventar histórias e conversar com personagens imaginários, e acho que desde o início minhas ambições literárias estavam misturadas com o sentimento de isolamento e desvalorização. Eu sabia que tinha facilidade com as palavras e a capacidade de encarar fatos desagradáveis, e sentia que isso criava uma espécie de mundo particular no qual eu podia me vingar dos meus fracassos na vida cotidiana. Mesmo assim, o volume de textos sérios – ou seja, escritos com intenções sérias – que produzi durante toda a minha infância e adolescência não chegava a meia dúzia de páginas. Escrevi meu primeiro poema aos quatro ou cinco anos, com minha mãe ditando para mim. Não me lembro de nada, exceto que era sobre um tigre e que o tigre tinha "dentes em forma de cadeira" – uma expressão razoável, mas acho que o poema era um plágio de "Tigre, Tigre", de Blake. Aos onze anos, quando a guerra de 1914-18 começou, escrevi um poema patriótico que foi publicado no jornal local, assim como outro, dois anos depois, sobre a morte de Kitchener. De vez em quando, quando fiquei um pouco mais velho, escrevia poemas ruins e geralmente inacabados sobre a natureza, no estilo georgiano. Também tentei escrever um conto umas duas vezes, que foi um fracasso total. Esse foi todo o trabalho que pretendia ser sério e que de fato coloquei no papel durante todos esses anos.

Contudo, durante todo esse tempo, de certa forma, dediquei-me a atividades literárias. Para começar, havia o material feito sob encomenda, que eu produzia rapidamente, facilmente e sem muito prazer. Além dos trabalhos escolares, escrevia versos ocasionais , poemas semicômicos que eu conseguia produzir a uma velocidade que hoje me parece surpreendente – aos quatorze anos, escrevi uma peça inteira rimada, imitando Aristófanes, em cerca de uma semana – e ajudava a editar revistas escolares, tanto impressas quanto manuscritas. Essas revistas eram o material burlesco mais lamentável que se possa imaginar, e eu me dava muito menos trabalho com elas do que me daria hoje com o jornalismo mais barato. Mas, paralelamente a tudo isso, por quinze anos ou mais, eu realizava um exercício literário de natureza bem diferente: a criação de uma “história” contínua sobre mim mesmo, uma espécie de diário que existia apenas na mente. Creio que esse seja um hábito comum entre crianças e adolescentes. Quando criança, eu costumava imaginar que era, digamos, Robin Hood, e me via como o herói de aventuras emocionantes, mas logo minha "história" deixou de ser narcisista de uma forma grosseira e se tornou cada vez mais uma mera descrição do que eu fazia e das coisas que via. Por vários minutos, esse tipo de coisa passava pela minha cabeça: "Ele empurrou a porta e entrou no quarto. Um raio de sol amarelo, filtrando-se pelas cortinas de musselina, incidia sobre a mesa, onde uma caixa de fósforos, entreaberta, estava ao lado do tinteiro. Com a mão direita no bolso, ele caminhou até a janela. Lá embaixo, na

rua, uma gata tricolor perseguia uma folha seca", etc., etc. Esse hábito continuou até meus vinte e cinco anos, durante toda a minha vida sem me dedicar à literatura. Embora eu tivesse que procurar, e procurasse, as palavras certas, parecia que eu fazia esse esforço descritivo quase contra a minha vontade, sob uma espécie de compulsão externa. Suponho que a "história" refletia os estilos dos vários escritores que admirei em diferentes épocas, mas, pelo que me lembro, sempre teve a mesma qualidade descritiva meticulosa.

Por volta dos dezesseis anos, descobri de repente a alegria das simples palavras, ou seja, dos sons e associações que elas evocam. Os versos de Paraíso Perdido –

"So hee with difficulty and labour hard
Moved on: with difficulty and labour hee,"

o que agora não me parece tão maravilhoso, causava-me arrepios; e a grafia "hee" em vez de "he" era um prazer adicional. Quanto à necessidade de descrever as coisas, eu já sabia tudo sobre isso. Portanto, fica claro que tipo de livros eu queria escrever, na medida em que se podia dizer que eu queria escrever livros naquela época. Eu queria escrever romances naturalistas enormes com finais infelizes, repletos de descrições detalhadas e símiles impactantes, e também repletos de passagens rebuscadas em que as palavras eram usadas em parte pelo seu som. E, de fato, meu primeiro romance completo, "Dias na Birmânia", que escrevi aos trinta anos, mas que planejei muito antes, é exatamente esse tipo de livro.

Forneço todas essas informações contextuais porque não creio que seja possível avaliar as motivações de um escritor sem conhecer algo sobre seu desenvolvimento inicial. Seus temas serão determinados pela época em que vive – pelo menos isso é verdade em épocas tumultuosas e revolucionárias como a nossa –, mas antes mesmo de começar a escrever, ele já terá adquirido uma atitude emocional da qual jamais escapará completamente. É sua responsabilidade, sem dúvida, disciplinar seu temperamento e evitar ficar preso em algum estágio imaturo ou em algum estado de espírito perverso; mas se ele escapar completamente de suas influências iniciais, terá matado seu impulso de escrever. Deixando de lado a necessidade de ganhar a vida, creio que existem quatro grandes motivações para escrever, pelo menos para escrever prosa. Elas existem em diferentes graus em cada escritor, e em cada escritor as proporções variam de tempos em tempos, de acordo com o ambiente em que vive. São elas:

(i) Puro egoísmo. Desejo de parecer inteligente, de ser comentado, de ser lembrado após a morte, de se vingar dos adultos que o desprezaram na infância, etc., etc. É hipocrisia fingir que isso não é uma motivação, e uma forte motivação. Escritores compartilham essa característica com cientistas, artistas, políticos, advogados, soldados, empresários de sucesso – em suma, com toda a elite da humanidade. A grande maioria dos seres humanos não é extremamente egoísta. Depois dos trinta anos, aproximadamente, abandonam a ambição individual – em muitos casos, aliás, quase abandonam o próprio senso de individualidade – e vivem principalmente para os outros, ou simplesmente são sufocados pela monotonia do trabalho. Mas também existe a minoria de pessoas talentosas e obstinadas que estão determinadas a viver suas próprias vidas até o fim, e os escritores pertencem a essa categoria. Escritores sérios, eu diria, são, em geral, mais vaidosos e egocêntricos do que jornalistas, embora menos interessados em dinheiro.

(ii) Entusiasmo estético. Percepção da beleza no mundo externo ou, por outro lado, nas palavras e em sua correta disposição. Prazer no impacto de um som sobre outro, na firmeza de uma boa prosa ou no ritmo de uma boa história. Desejo de compartilhar uma experiência que se considera valiosa e imperdível. O motivo estético é muito tênue em muitos escritores, mas mesmo um panfletista ou autor de livros didáticos terá palavras e frases prediletas que lhe agradam por razões não utilitárias; ou poderá ter fortes convicções sobre tipografia, largura das margens, etc. Acima do nível de um guia ferroviário, nenhum livro está completamente livre de considerações estéticas.

(iii) Impulso histórico. Desejo de ver as coisas como elas são, de descobrir os fatos verdadeiros e armazená-los para uso da posteridade.

(iv) Propósito político – usando a palavra "político" no sentido mais amplo possível. Desejo de impulsionar o mundo em uma determinada direção, de alterar a ideia que outras pessoas têm do tipo de sociedade que deveriam almejar. Mais uma vez, nenhum livro está genuinamente livre de viés político. A opinião de que a arte não deve ter nada a ver com política é, em si, uma atitude política.

É possível perceber como esses vários impulsos devem guerrear entre si e como devem oscilar de pessoa para pessoa e de época para época. Por natureza – considerando "natureza" como o estado que se atinge ao se tornar adulto – sou uma pessoa em quem os três primeiros motivos se sobrepõem ao quarto. Em uma época pacífica, eu poderia ter escrito livros rebuscados ou meramente descritivos, e poderia ter permanecido quase alheio às minhas lealdades políticas. Como as coisas são, fui forçado a me tornar uma espécie de panfletário. Primeiro, passei cinco anos em uma profissão inadequada (a Polícia Imperial Indiana, na Birmânia), e depois enfrentei a pobreza e a sensação de fracasso. Isso aumentou meu ódio natural à autoridade e me tornou, pela primeira vez, plenamente consciente da existência da classe trabalhadora, e o trabalho na Birmânia me proporcionou alguma compreensão da natureza do imperialismo; mas essas experiências não foram suficientes para me dar uma orientação política precisa. Então vieram Hitler, a Guerra Civil Espanhola, etc. No final de 1935, eu ainda não havia chegado a uma decisão firme. Lembro-me de um pequeno poema que escrevi naquela data, expressando meu dilema:

Eu poderia ter sido um vigário feliz
há duzentos anos,
pregando sobre a condenação eterna
e vendo minhas nogueiras crescerem.

Mas, nascido, infelizmente, em tempos malignos,
perdi esse agradável refúgio,
pois pelos cresceram em meu lábio superior
e o clero está todo barbeado.

E mais tarde os tempos foram bons,
éramos tão fáceis de agradar,
embalávamos nossos pensamentos perturbados para dormir
no colo das árvores.

Em nossa ignorância, ousávamos admitir
as alegrias que agora dissimulamos;
o verdilhão no galho da macieira
podia fazer meus inimigos tremerem.

Mas barrigas de meninas e damascos,
baratas em um riacho sombreado,
cavalos, patos em voo ao amanhecer,
tudo isso é um sonho.

É proibido sonhar novamente;
mutilamos nossas alegrias ou as escondemos;
cavalos são feitos de aço cromado
e homenzinhos gordos os montarão.

Sou o verme que nunca se virou,
o eunuco sem harém;
entre o sacerdote e o comissário,
caminho como Eugene Aram;

E o comissário está lendo minha sorte
enquanto o rádio toca,
mas o padre prometeu um Austin Seven,
porque Duggie sempre paga.

Sonhei que habitava salões de mármore,
e acordei para descobrir que era verdade;
eu não nasci para uma era como esta;
Smith nasceu? Jones nasceu? Você nasceu?

A Guerra Civil Espanhola e outros eventos de 1936-37 mudaram minha perspectiva, e a partir daí eu soube qual era a minha posição. Cada linha de trabalho sério que escrevi desde 1936 foi escrita, direta ou indiretamente, contra o totalitarismo e a favor do socialismo democrático, como eu o entendo. Parece-me um absurdo, em um período como o nosso, pensar que se pode evitar escrever sobre tais assuntos. Todos escrevem sobre eles de uma forma ou de outra. É simplesmente uma questão de qual lado se toma e qual abordagem se segue. E quanto mais consciente se está da própria inclinação política, mais chances se tem de agir politicamente sem sacrificar a integridade estética e intelectual.

O que mais desejei fazer nos últimos dez anos foi transformar a escrita política em arte. Meu ponto de partida é sempre um sentimento de partidarismo, uma sensação de injustiça. Quando me sento para escrever um livro, não digo a mim mesmo: "Vou produzir uma obra de arte". Escrevo porque há alguma mentira que quero expor, algum fato ao qual quero chamar a atenção, e minha preocupação inicial é ser ouvido. Mas eu não conseguiria escrever um livro, ou mesmo um longo artigo para revista, se não fosse também uma experiência estética. Qualquer pessoa que se dê ao trabalho de examinar meu trabalho verá que, mesmo quando se trata de propaganda descarada, ele contém muito do que um político em tempo integral consideraria irrelevante. Não consigo, e não quero, abandonar completamente a visão de mundo que adquiri na infância.

Enquanto eu estiver vivo e bem, continuarei a ter fortes sentimentos em relação ao estilo da prosa, a amar a superfície da Terra e a me deleitar com objetos sólidos e fragmentos de informação inútil. Não adianta tentar suprimir esse meu lado. A tarefa é conciliar meus gostos e desgostos arraigados com as atividades essencialmente públicas e não individuais que esta época nos impõe.

Não é fácil. Isso levanta problemas de construção e de linguagem, e traz à tona, de uma nova maneira, o problema da veracidade. Permitam-me dar apenas um exemplo do tipo mais grosseiro de dificuldade que surge. Meu livro sobre a Guerra Civil Espanhola, "Homenagem à Catalunha", é, obviamente, um livro assumidamente político, mas, em sua maior parte, foi escrito com certo distanciamento e respeito pela forma. Tentei muito, nele, contar toda a verdade sem violar meus instintos literários. Mas, entre outras coisas, ele contém um longo capítulo, repleto de citações de jornais e coisas do gênero, defendendo os trotskistas que foram acusados de conspirar com Franco. Claramente, um capítulo assim, que depois de um ou dois anos perderia o interesse para qualquer leitor comum, arruinaria o livro. Um crítico que respeito me deu uma bronca sobre isso. "Por que você incluiu tudo isso?", disse ele. "Você transformou o que poderia ter sido um bom livro em jornalismo." O que ele disse era verdade, mas eu não poderia ter feito de outra forma. Por acaso, eu sabia, algo que pouquíssimas pessoas na Inglaterra tinham permissão para saber, que homens inocentes estavam sendo falsamente acusados. Se eu não tivesse ficado indignado com isso, jamais teria escrito o livro.

De uma forma ou de outra, esse problema volta a surgir. A questão da linguagem é mais sutil e levaria muito tempo para ser discutida. Direi apenas que, nos últimos anos, tenho tentado escrever de forma menos pitoresca e mais precisa. De qualquer forma, percebo que, quando se aperfeiçoa um estilo de escrita, invariavelmente se o supera. A Revolução dos Bichos foi o primeiro livro em que tentei, com plena consciência do que estava fazendo, fundir propósito político e propósito artístico em um todo coerente. Não escrevo um romance há sete anos, mas espero escrever outro em breve. Certamente será um fracasso, todo livro é um fracasso, mas sei com certa clareza que tipo de livro quero escrever.

Relendo as últimas páginas, percebo que dei a impressão de que minhas motivações ao escrever eram puramente altruístas. Não quero deixar essa impressão final. Todos os escritores são vaidosos, egoístas e preguiçosos, e no âmago de suas motivações reside um mistério. Escrever um livro é uma luta horrível e exaustiva, como um longo período de alguma doença dolorosa. Ninguém se aventuraria em algo assim se não fosse impulsionado por algum demônio ao qual não se pode resistir nem compreender. Quem sabe esse demônio seja simplesmente o mesmo instinto que faz um bebê chorar por atenção. E, no entanto, também é verdade que não se consegue escrever nada legível a menos que se lute constantemente para apagar a própria personalidade. Uma boa prosa é como um vidro transparente. Não posso afirmar com certeza quais das minhas motivações são as mais fortes, mas sei quais delas merecem ser seguidas. E, olhando para trás, para o meu trabalho, vejo que invariavelmente foi onde me faltou um propósito político que escrevi livros sem vida e fui traído por passagens rebuscadas, frases sem sentido, adjetivos decorativos e, em geral, hipocrisia.

Gangrel , nº 4, Verão de 1946